

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas *contam*, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a *narrativa*, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e posteriormente, o que mais a atribuição autobiográfica supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual prefigurado? (ARFUCH, 2010, p. 111 – Grifos da autora)¹

Os diferentes modos de contar a vida e suas relações com o cotidiano são marcados por experiências, temporalidades, símbolos, significados e refigurações identitárias. Ao teorizar sobre o espaço biográfico, Arfuch (2010) demarca dilemas contemporâneos inscritos no ato de narrar, suas relações com a subjetividade e razão dialógica, o que implica deslocar o sujeito e suas histórias para tempos distintos e ancorados no mundo da vida.

A temporalidade, a experiência e a reflexividade biográficas² são marcadores da narrativa como atividade eminentemente humana³ e da identidade narrativa como trama da existência e das diversas formas como os sujeitos, individual ou coletivamente, narram acontecimentos cotidianos.

Tais ideias são potentes e contribuíram na organização e socialização do Dossiê *Me-*

mórias, narrativas e patrimônios, organizado por Joseania Miranda Freitas e Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha. Consideram a experiência humana e seus campos referenciais, intercambiando memórias, culturas, materialidades e imaterialidades das narrativas e patrimônios, através das relações de poder-saber que mobilizam a vida, as lembranças e/ou o esquecimento, a preservação ou o descarte e, também, formas diversas como cada um vive, conta e narra suas experiências simbólicas, imaginárias e com patrimônios culturais locais, nacionais e universais, como eixos temáticos que articulam os textos e ideias desenvolvidas pelos autores.

A construção de narrativas patrimoniais guarda estreita relação com memórias e identidades, seja através de implicações com museus, suas distintas formas de guarda, de seleção de acervos, de exposições e de diversos artefatos culturais que se configuram como domínios ou bens patrimoniais, a partir da ampliação da noção e de práticas de museologia enquanto discursos da vida e suas representações sobre a vida, a memória, a cultura e a própria sociedade.

O dossiê problematiza questões no campo da Museologia, suas configurações políticas, formativas e contra-hegemônicas, na medida em que articula diálogos sobre memórias e patrimônio, narrativas e representações sobre a vida, instigando-nos a pensar sobre o museu como um espaço de vida e de histórias outras dos cotidianos, das narrativas contidas nos objetos e suas identidades transitórias, em especial de variados grupos étnicos, segmentos sociais e econômicos que constroem cultura e lutam por políticas de salvaguarda, de preservação e, mais ainda, de visibilidade.

1 ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

2 DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, v. 17, n. 51, p. 523-536, dez. 2012 teoriza sobre tais conceitos e, também, são discutidos por Arfuch (2010).

3 PASSEGGI, Maria da Conceição. "Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório". In PASSEGGI, Maria da Conceição e SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

O mundo da vida é o espaço biográfico demarcado por temporalidades e experiências, as quais fazem emergir sentidos e significados do que vivemos, mais ainda, da forma como contamos o que vivemos. Na medida em que, “escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição” (DOSSE, 2009, p. 11).⁴ Pensar os bens patrimoniais como um “conjunto de instrumentos” que lançamos mão para demarcar identidades e histórias é também um movimento de resistência e de inserção de múltiplas memórias, histórias e narrativas insurgentes que emergem na contemporaneidade, como materialidade do espaço biográfico em defesa da vida.

A despeito da política de desmonte e desconstrução de histórias de grupos étnicos e suas identidades, como temos vivido atualmente na sociedade brasileira, a qual implica no apagamento da memória e da identidade nacional, coletiva, étnica e individual, entendendo-as como bens inalienáveis, faz emergir movimentos de resistências e de defesa da cultura e de leituras sobre patrimônio e museologia como disposições férteis para a defesa da vida e suas manifestações.

A publicação deste número da Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB), além do dossiê voltado para discussões sobre memória, narrativa e patrimônio integral, na Seção *Artigos*, nove textos que ampliam discussões sobre a abordagem (auto)biográfica, estudos de estado da arte, de práticas de formação e narrativas autorreferenciais de professores, pesquisadores e estudantes no contexto da iniciação científica, assim como de intelectuais e suas trajetórias formativas e profissionais.

4 DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever a vida. São Paulo: EdUSP, 2009.

Inicia a seção o texto *Tese autobiográfica: os procedimentos para o constructo do “eu” fonte*, de Edilson Fernandes de Souza, configurando-se como trabalho apresentado para promoção na carreira de professor titular, ao tempo em que sistematiza procedimentos metodológicos, dispositivos e fontes utilizadas para análise da trajetória formativa do pesquisador no campo das artes, da ciência e política-institucional emergindo nas escritas de si e do “eu” fonte.

Mauro Henrique Miranda de Alcântara, no texto *A narrativa biográfica no debate acadêmico contemporâneo: uma contribuição bibliográfica*, apresenta um estudo bibliográfico, tipo estado da arte do gênero biográfico no campo historiográfico e avanços epistemológicos construído através de redes de pesquisas, para além dos estudos históricos.

O artigo *O método (auto)biográfico como dispositivo de formação na iniciação científica*, de autoria de Fernanda Nogueira Macena e Élica Luiza Paiva, centra-se na discussão de questões voltadas para o processo formativo de ex-estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Problematiza aspectos relacionados à participação de estudantes na Iniciação Científica (IC), através da utilização do método (auto)biográfico e da realização de entrevista narrativa demarcando a importância do IC para a formação e práticas de escritas na vida acadêmica universitária.

O texto de Geraldo Alves Lacerda, *De mim ao teatro terapêutico: percurso de vida, percurso criativo e narrativas de si*, teoriza sobre narrativas de si, percursos profissional e criativo do autor, ancorando-se no psicodrama e no atuar do *playback theatre*. A escrita de si e suas relações com terapias psicológicas com base teatral mobilizam reflexões e disposições da narrativa de si como metodologia de pesquisa-formação.

Ao situar potenciais da pesquisa narrativa no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em situação de rua, Kleyne Cristina Dornelas de Souza apresenta no artigo *Narrativas, rua e construção de laços: histórias que se encontram na EJA*, resultado de pesquisa com estudantes da EJA do Distrito Federal (DF), utilizando entrevista narrativa e fotografias, com o objetivo de socializar histórias cruzadas dos colaboradores e suas relações com vulnerabilidades, estigmas e modos como os sujeitos reelaboram suas histórias quando narram acontecimentos e experiências da vida e de processos de exclusão.

As discussões apresentadas por Cyntia Simioni Franca, Nara Rubia de Carvalho Cunha e Fabio Luiz da Silva, no texto *Educação política das sensibilidades e arquitetura escolar*, voltam-se para o Colégio Marcelino Champagnat, em Londrina (PR), ao problematizarem questões sobre arquitetura escolar, cultura da construção e modernidade dos espaços como forma de dar visibilidade aos valores, atitudes e constituição de sensibilidades no contextos de padrões modernos dos edifícios escolares.

O artigo intitulado *Reflexões sobre uma experiência pedagógica a partir das narrativas (auto)biográficas*, de Marcelo Silva da Silva, analisa trajetórias formativas de estudantes da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na vertente da pesquisa-formação, através da utilização de narrativas (auto)biográficas e da socialização de aspectos concernentes às trajetórias dos estudantes, mobilizações para a escolha do curso e aspectos da prática pedagógica no contexto da formação docente.

Francisco Ramallo, ao teorizar sobre a pesquisa narrativa em educação, propõe, no texto *Qual o lugar da pedagogia? Notas para desidentificar seu disciplinamento [¿Cuál es el lugar de la pedagogía? Notas para desidentificar su disciplinamiento]*, problematizar ações nor-

malizadoras e põe em evidência desconstrução hegemônicas da pedagogia, reconhecendo valores subversivos, criativos, fluídos, face aos modos diversos de ser-conhecer a partir das experiências e da vida humana.

Encerra a seção o texto *Trajetoária de vida de Miguel de Oliveira Couto (1865 – 1934), médico, educador e político*, de José Mario d'Almeida e Claudia Alves d'Almeida, que tematizam sobre processos formativos, inserção profissional, política e atividades médicas de Miguel Couto, além de ideias do biografado e suas articulações com o contexto da época.

Compõe também o presente número a Seção *Entrevista* que se articula com a temática do dossiê e dialoga com memórias afrodiáspóricas e suas relações com o museu como lugar de resistência. A entrevista, *O museu como lugar de resistência: memória e representação de comunidades africanas e afrodiáspóricas*, realizada com Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, revela implicações do pesquisador com o campo da Museologia, ao problematizar o museu como território contestado e de resistência, muito em função do alijamento, silenciamento e/ou exclusão de comunidades africanas e afrodiáspóricas, bem como questões de representações expográficas, acervos e táticas de apresentação, que buscam visibilizar o corpo negro, fortemente marcado pela estigmatização e exclusão, inscritos também em discursos museológicos ainda presentificados na contemporaneidade. Memórias, narrativas, biografias, artefatos culturais e corpos negros se imbricam como forma de (re)existir em processos patrimoniais e museológicos.

O número que apresentamos vem marcado de discursos e reflexões insubordinados e, quase sempre, de análises implicadas, críticas sobre a vida e a sua precarização em face da pandemia da Covid-19, mas também de apagamento de memórias e de defesa de totalitarismos, de desmonte da jovem demo-

cracia brasileira e de políticas de diversidade, de ciência e tecnologia, de saúde pública e da saúde como bem comum.

São com essas marcas e com parte significativa da sociedade confinada que se forjam ações de aceleração das crises políticas, econômicas, sanitária e de governabilidade, movidas por escândalos e desvio de recursos públicos, reforço da visibilização de etnias, genocídio de povos originários e de negação da arte e da cultura como capitais simbólicos

fundamentos para os processos identitários e patrimoniais do povo brasileiro.

Esperamos que o dossiê publicado e os diferentes textos desta edição possam contribuir com outros estudos que têm se dedicado às discussões e às inquietações no campo da narrativa e do patrimônio em interface com a memória e a identidade. Narrar é resistir, é uma das formas de dizer de outro lugar que os espaços biográficos são múltiplos, diversos e contra-hegemônicos.

Salvador, inverno de 2020

Elizeu Clementino de Souza
Comissão Editorial